

**A GRAMÁTICA DO VIR-A-SER NO LIVRO I DA FÍSICA  
DE ARISTÓTELES: OS DOIS USOS DA PROPOSIÇÃO  
'EK NA DESCRIÇÃO DA MUDANÇA E SEUS  
FUNDAMENTOS METAFÍSICOS**

**THE GRAMMAR OF COMING-TO-BE  
IN ARISTOTLE'S PHYSICS I: THE TWO USES  
OF THE 'EK PREPOSITION IN THE DESCRIPTION OF  
CHANGE AND ITS METAPHYSICAL FOUNDATIONS**

**Aldrin Pardellas de Carvalho**

Mestrando em Filosofia na PUC-Rio

Bolsista da CAPES

<https://orcid.org/0009-0008-6167-0450>

<https://lattes.cnpq.br/0129393431594335>

[aldrin@aluno.puc-rio.br](mailto:aldrin@aluno.puc-rio.br)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é esclarecer as razões do uso aristotélico da preposição “ἐκ” em sua análise do modo como descrevemos o vir-a-ser em *Física I* 7 a partir da maneira como ele próprio parece conceber a estrutura metafísica desse fenômeno. De acordo com ele, nas frases que seguem a estrutura “algo vem-a-ser a partir de algo” ( $\epsilon\kappa\tau\iota\omega\varsigma\gamma\iota\gamma\omega\sigma\theta\alpha\iota\tau\iota$ ), o “algo a partir do qual” – o  $\epsilon\kappa\tau\iota\omega\varsigma$  – deve referir-se sobretudo ao estado privativo no qual a coisa se encontrava antes de se transformar. Há, no entanto, casos onde elas podem ser referidas ao subjacente da mudança – a saber, nos casos de fabricação de artefatos –, de modo que, segundo Aristóteles, não podemos dizer que “o músico veio-a-ser a partir do homem”, mas podemos dizer que “a estátua veio-a-ser a partir do bronze”. Este artigo defende que a restrição no uso dessa construção, longe de ser uma coincidência de ordem meramente linguística, encontra sua justificativa no plano metafísico: é o próprio modo como Aristóteles concebe a estrutura das coisas em seu processo de devir que, de um lado, nos permite dizer que um artefato é fabricado “a partir de sua matéria” e que, de outro, nos impede de dizer que um mero acidente vem-a-ser “a partir da substância” na qual ele inere. Para chegar a tal conclusão, será preciso analisar as listagens oferecidas por Aristóteles dos diversos usos

possíveis da preposição ἐκ, além de explicar a diferença estrutural que parece haver entre o vir-a-ser de um artefato e as outras formas de mudança.

**Palavras-chave:** vir-a-ser; gramática; Aristóteles; *Física*; ἐκ.

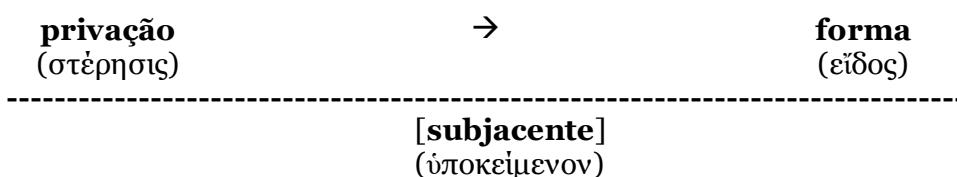
**Abstract:** The aim of this paper is to clarify the reasons for Aristotle's use of the “ἐκ” preposition in his analysis of the way we describe coming-to-be in *Physics* I 7, based on the way he himself seems to conceive the metaphysical structure of this phenomenon. According to him, in sentences following the structure “something comes-to-be from something” ( $\epsilon\kappa\tau\iota\omega\varsigma\gamma\iota\gamma\omega\sigma\theta\alpha\iota\tau\iota$ ), the “something from which” – the  $\epsilon\kappa\tau\iota\omega\varsigma$  – must primarily refer to the privative state in which the thing existed before its transformation. However, there are cases where it can refer to the underlying item of the change – namely, in cases such as the manufacturing of artificial substances – so that, according to Aristotle, we cannot say that “the musician came-to-be from the man,” but we can say that “the statue came-to-be from the bronze.” This paper argues that the restriction on the use of this construction, far from being a mere linguistic coincidence, finds its justification at the metaphysical level: it is the very way Aristotle conceives the structure of things in their process of coming-to-be that, on the one hand, allows us to say that an artifact is manufactured “from its matter” and, on the other hand, prevents us from saying that a mere accident comes-to-be “from the substance” in which it inherits. To reach this conclusion, it will be necessary to analyze the listings provided by Aristotle of the various possible uses of the  $\epsilon\kappa$  preposition, as well as explain the structural difference that seems to exist between coming-to-be of an artifact and other forms of change.

**Keywords:** coming-to-be; grammar; Aristotle; Physics; ἐκ.

## Introdução

Aristóteles dedica o livro I de sua *Física* à investigação dos princípios da natureza (185a10-16), que posteriormente são designados também como princípios dos entes que são por natureza ( $\tau\omega\nu\varphi\upsilon\sigma\iota\ \o\nt\omega\nu$ , 190b17-18). Ao fim do capítulo 7, esses princípios revelam-se ser forma ( $\epsilon\iota\delta\o\varsigma/\mu\o\r\varphi\hbar$ ), privação ( $\sigma\tau\epsilon\r\heta\varsigma$ ) e subjacente/substrato ( $\nu\pi\o\kappa\epsilon\i\mu\epsilon\nu\nu\o$ ), três fatores que estariam

envolvidos em toda e qualquer forma de mudança.<sup>1</sup> De acordo com alguns intérpretes mais recentes de *Física I*, esse esquema se aplicaria em dois níveis: no caso das mudanças accidentais, a forma em questão seria uma característica accidental e o subjacente seria uma substância, enquanto no caso das gerações substanciais, a forma adquirida seria uma forma substancial e o subjacente seria a matéria (ver, e.g., Quarantotto, 2018, p. 35-36). Assim, toda mudança seria o processo de aquisição de uma forma por parte de uma coisa subjacente a partir de um estado em que ela estava privada dessa forma, enquanto o substrato em questão permanece no decorrer da mudança. Esse modelo pode ser visualizado segundo o esquema abaixo:



Ao longo de *Física I*, Aristóteles apresenta uma série de argumentos que indicam a necessidade de se fazer essas distinções no interior das coisas que se transformam: primeiro, entre cada um dos estados opostos e, depois, entre esses mesmos contrários e a coisa subjacente. Um dos argumentos tidos como centrais é aquele que inicia o capítulo 7 (189b32-190a13): trata-se de uma análise do modo como descrevemos (φαμὲν, 189b32) os processos de vir-a-ser, pela qual Aristóteles conclui que, dos itens envolvidos na mudança, “um vem-a-ser permanecendo e um [vem-a-ser] não permanecendo” (τὸ μὲν ὑπομένον γίγνεται τὸ δ' οὐχ ὑπομένον, 190a11-12). É essa análise que será discutida aqui, mas com uma preocupação menos tradicional: o objetivo deste artigo é explicar certa ambiguidade na maneira aristotélica de descrever o vir-a-ser e mostrar como ela parece estar assentada na estrutura metafísica da mudança no modo como concebida pelo próprio Aristóteles. Transcrevo, a seguir, duas passagens fundamentais dessa análise que servirão de ponto de partida para a nossa investigação:

<sup>1</sup> Aristóteles afirma explicitamente que tratará “do vir-a-ser como um todo” (περὶ πάσης γενέσεως) logo antes de expor sua visão sobre os princípios (*Física I* 7, 189b30-32).

Dizemos que ‘algo vem-a-ser a partir de outro’ ( $\gammaίγνεσθαι \varepsilon\xi$   $\alpha\lambdaou\ \alpha\lambdao$ ) ou que ‘algo [vem-a-ser] a partir de algo diferente’ ( $\varepsilon\xi\ \varepsilon\tau\epsilon\rhoou\ \varepsilon\tau\epsilon\rhoou$ ) [...]. Digo isso, desse modo, pois há ‘o homem vem-a-ser músico’, há ‘o não-músico vem-a-ser músico’ e há “o homem não-músico [vem-a-ser] homem músico”. [...] Mas em um desses [casos] não se diz somente que ‘isto vem-a-ser’ ( $\tau\delta\delta\varepsilon\ \gammaίγνεσθαι$ ), mas também que ‘[vem-a-ser] a partir disto’ ( $\varepsilon\kappa\ \tau\delta\delta\varepsilon$ ), tal como ‘a partir do não-músico o músico [vem-a-ser]’. Mas isso não se diz quanto a todos [os casos]: não [dizemos] que ‘o músico veio-a-ser a partir do homem’, mas que ‘o homem veio-a-ser músico’. (*Física I* 7, 189b32-190a8).<sup>2</sup>

Assim, Aristóteles elenca uma série de descrições possíveis de um mesmo processo – a saber, o processo pelo qual um homem é educado na música – e restringe o uso das construções em  $\varepsilon\kappa/\varepsilon\xi$  de modo que elas só podem ser feitas no caso de o “algo a partir do qual” a coisa se transforma ( $\varepsilon\kappa\ \tau\iota\voce\varsigma$ ) referir-se à privação. No entanto, mais adiante, ele apresenta uma exceção a essa regra, de modo que, em alguns casos, pode ser que o  $\varepsilon\kappa\ \tau\iota\voce\varsigma$  seja, na verdade, o subjacente que permanece no decorrer da mudança:

Diz-se que 'algo vem-a-ser a partir de algo' ( $\varepsilon\kappa\ \tau\iota\voce\varsigma\ \gammaίγνεσθαι\ \tau\iota$ ), e não que 'isto vem-a-ser algo' ( $\tau\delta\delta\varepsilon\ \gammaίγνεσθai\ \tau\iota$ ), sobretudo a respeito daquilo que não permanece ( $\varepsilon\pi\iota\ \tau\iota\omega\ \mu\jmath\ \dot{\nu}\pi\mu\mu\mu\nu\omega\tau\omega$ ), tal como 'o músico vem-a-ser a partir do amusical', e não '[o músico vem-a-ser] a partir do homem'. No entanto, também a respeito daquilo que permanece ( $\varepsilon\pi\iota\ \tau\iota\omega\ \dot{\nu}\pi\mu\mu\mu\nu\omega\tau\omega$ ) às vezes se diz dessa maneira, pois dizemos que 'uma estátua vem-a-ser a partir do bronze' e não que 'o bronze [vem-a-ser] estátua'. Mas, certamente, do oposto que não permanece ( $\varepsilon\kappa\ \tau\iota\ \dot{\alpha}\nu\kappa\kappa\mu\mu\mu\nu\omega$   $\kappa\iota\mu\ \dot{\nu}\pi\mu\mu\mu\nu\omega\tau\omega$ ) se diz de ambos os modos: tanto que "isto [vem-a-ser] a partir daquilo", quanto que 'isto [vem-a-ser] aquilo': de fato, diz-se que '[o músico vem-a-ser] a partir do amusical' e que 'o amusical vem-a-ser músico'. (*Física I* 7, 190a21-29).

As diversas maneiras de descrever o vir-a-ser listadas nos parágrafos anteriores podem ser organizadas de acordo com a seguinte tabela, sendo a frase tachada a única restrição feita por Aristóteles:

---

<sup>2</sup> As traduções dos trechos de Aristóteles, salvo indicação do contrário, são minhas.

<b>“isto vem-a-ser algo”</b> <b>(τόδε γίγνεσθαι τι)</b>	<b>“algo vem-a-ser a partir de algo”</b> <b>(ἐκ τίνος γίγνεσθαι τι)</b>
o homem vem-a-ser músico	o músico vem-a-ser a partir do homem
o não-músico vem-a-ser músico	o músico vem-a-ser a partir do não-músico
o homem não-músico vem-a-ser homem músico	o homem músico vem-a-ser a partir do homem não-músico
o bronze vem-a-ser estátua <sup>3</sup>	a estátua vem-a-ser a partir do bronze

O que se depreende desse quadro é o seguinte: na linguagem comum, o estado privativo – isto é, “o oposto que não permanece” – do qual o processo de mudança parte sempre pode ser descrito como um *ἐκ τίνος* – isto é, como algo a partir do qual a nova coisa se dá. No entanto, há casos onde também o subjacente que permanece pode ser caracterizado dessa maneira (como no exemplo da estátua que dizemos vir-a-ser a partir do bronze), ainda que isso não seja admitido em todos os casos (como no exemplo do músico que não dizemos vir-a-ser a partir do homem). As próximas seções serão dedicadas a investigar por que isso acontece.

## 1 Os vários usos de *ἐκ* em Aristóteles

Vale dizer, inicialmente, que a primeira diferença entre o exemplo do homem músico e o exemplo da estátua de bronze é que Aristóteles os toma respectivamente como, de um lado, um caso de mudança acidental – ou, mais especificamente, de alteração – e, de outro, um caso de vir-a-ser de uma nova substância a partir de sua matéria.<sup>4</sup> No entanto, não parece possível estender o

<sup>3</sup> No parágrafo citado, Aristóteles parece dizer que essa formulação não seria adequada. Essa, no entanto, é uma construção perfeitamente normal, de modo que os comentadores parecem unânimes em interpretar a frase “οὐ τὸν [γίγνεσθαι] χαλκὸν ἀνδριάντα” de maneira não restritiva. Para discussão desse ponto, ver Charles, 2018, p. 183; Morison, 2020, p. 249-250. De minha parte, adoto a sugestão de Ross de que isso “não significa que a fórmula ‘τόδε γίγνεται τόδε’ não possa ser usada no caso dos ‘τὰ μὴ ὑπομένοντα’, mas [significa] que esse não é o caso que Aristóteles está considerando no momento”. (Ross, 1936, p. 492).

<sup>4</sup> O caso da estátua que vem-a-ser a partir do bronze é um caso de fabricação de um artefato, como direi adiante. Esse tipo de processo, ao menos nesse contexto, é considerado um tipo de geração substancial, como fica claro pelos exemplos de 190b1-9, passagem em geral entendida como sendo o trecho onde Aristóteles se debruça sobre o vir-a-ser substancial (e.g., Angioni, 2020, p. 144).

que foi dito aqui para a geração substancial como um todo, uma vez que não se diz que cada uma das substâncias naturais – como, por exemplo, os animais e as plantas – vem-a-ser a partir de sua matéria constitutiva, mas a partir de sua respectiva semente (ἐκ σπέρματος, 190b4-5), que por sua vez não é algo que permanece no decorrer do processo. Como observou Morison, poderíamos melhor descrevê-la segundo o esquema acima como a junção do item que permanece + o item que não permanece (Morison, 2020, p. 255).<sup>5</sup> Na verdade, ao dizer que aquilo que permanece por vezes pode atuar como ἐκ τίνος em certas descrições do vir-a-ser, Aristóteles parece se referir ao caso específico da fabricação dos artefatos, como já notou Charlton, dado que um cachorro, por exemplo, não vem-a-ser a partir de uma pilha de ossos e carne como matéria preexistente (Charlton, 1992, p. 73; 76-77). Portanto, tudo indica que, nos casos de vir-a-ser onde o subjacente é a matéria de um artefato a ser fabricado, o subjacente pode ser considerado um ἐκ τίνος. Na *Metafísica*, inclusive, são bastante recorrentes as passagens em que Aristóteles, ao retomar o tema dos princípios das substâncias sensíveis, refere-se à matéria de uma coisa simplesmente como “aquilo a partir do quê” ela se dá (e.g., Z 7 1032a12-19; 8, 1033a24-28 etc.).

Essa frequente associação da matéria ao ἐκ τίνος parece ter levado alguns intérpretes a conceberem que o papel da matéria deveria ser sobretudo – e talvez até exclusivamente – descrito em termos de ser um ἐκ τίνος. Vasilis Politis, por exemplo, segue à risca essa sugestão, de modo a negar qualquer permanência à matéria de uma coisa uma vez concluído o seu vir-a-ser, afirmando que forma e matéria não seriam, como sustenta a visão tradicional, princípios no sentido de constituintes atuais da coisa gerada, mas “princípios no sentido de serem elementos explanatórios últimos das coisas que estão sujeitas à geração e à destruição”. Nesse sentido, enquanto o conceito de matéria descreveria aquilo a

---

<sup>5</sup> Por essa razão, há um estranhamento geral quanto à passagem 190b4-5, que parece sugerir que a semente é um exemplo de ὑποκείμενον. Esse estranhamento se dá na medida em que ele seria, segundo a visão tradicional, aquilo que permanece no decorrer da mudança, ao passo que a semente evidentemente não o faz (e.g., Charles, 2018, p. 185-186). Mesmo aqueles que defendem que a semente seja de fato descrita como um ὑποκείμενον reconhecem que esse termo teria ali um sentido distinto, dado que é evidente que a semente não permanece no processo (e.g., Morison, 2020, p. 245-246). O que parece fora de dúvida é que a semente dê lugar ao ser vivo que dela há de surgir, sem que ela permaneça.

partir do qual algo é gerado, a forma explicaria por que essa matéria se torna aquela coisa particular material que ela se torna. Essa leitura mais radical, que tem como corolário a completa aniquilação da matéria no decorrer do processo, seria, para Politis, reflexo do célebre equacionamento aristotélico entre os conceitos de matéria e de potência, pois de fato é esperado que uma potência, ao ser atualizada, se esvaneça enquanto potência, dando lugar à atualidade (Politis, 2004, p. 58-61). De maneira similar, Jones chega à conclusão de que a matéria não permanece na fabricação de uma estátua, entendendo a preposição *ἐκ* no caso da matéria com tendo um sentido exclusivamente cronológico (Jones, 1974, p. 488-493). Na tentativa de encontrar uma interpretação mais intuitiva na qual a matéria não seja completamente abandonada no decorrer do processo de mudança, examinarei adiante algumas passagens que esclarecem o uso aristotélico da preposição *ἐκ* de modo a entender como ela poderá ser aplicada à matéria de um artefato.

Em primeiro lugar, devemos nos atentar às listagens dos usos possíveis da preposição *ἐκ* feitas pelo próprio Aristóteles. Há, no *Corpus*, ao menos duas: em *Geração dos Animais I 18* e em *Metafísica Δ 24*. Transcrevo-as, respectivamente e com os usos de *ἐκ* numerados, abaixo:

Mas "algo vem-a-ser a partir de algo" (*γίγνεται ἄλλο ἐξ ἄλλου*) se diz de muitos modos. (Gen#1) De uma maneira, como quando dizemos que a noite vem-a-ser a partir do dia e o homem vem-a-ser a partir do menino – ou seja, quando isto vem depois daquilo (*τόδε μετὰ τόδε*). (Gen#2) De outra maneira, como a estátua vem-a-ser a partir do bronze, a cama vem-a-ser a partir da madeira, e, também, as outras coisas que vêm-a-ser (*τὰ γίγνομενα*) e que dizemos que vêm-a-ser como que a partir da matéria (*ώς ἐξ ὕλης γίγνεσθαι*): o todo vem-a-ser a partir de algo que está presente na coisa e que é reformulado (*ἐκ τίνος ἐνυπάρχοντος καὶ σχηματισθέντος τὸ ὅλον ἐστίν*). (Gen#3) De maneira diferente, como o não-músico vem-a-ser a partir do músico, o doente vem-a-ser a partir do sadio e, em geral, o contrário vem-a-ser a partir do contrário (*τὸ ἐναντίον ἐκ τοῦ ἐναντίου*). (Gen#4) Além dessas maneiras, [...] um insulto vem-a-ser a partir de uma falsa acusação e uma briga vem-a-ser a partir de um insulto. Essas coisas vêm-a-ser a partir de algo enquanto esse algo é princípio de movimento (*ἢ ἀρχὴ τῆς κινήσεως*) [...]" (Geração dos Animais I 18, 724a20-30).

O ‘a partir de algo’ (*ἐκ τινος*) significa, ( $\Delta\#1$ ) num sentido, vir-a-ser a partir daquilo de que as coisas são materialmente constituídas (*ἔξ οὐ ἐστὶν ως ὑλῆς*) [...], como, por exemplo, todas as coisas que se podem liquefazer vêm-a-ser a partir da água ou como a estátua vem-a-ser a partir do bronze. ( $\Delta\#2$ ) Num segundo sentido, significa derivar do princípio primeiro do movimento (*ώς ἐκ τῆς πρώτης κινησάσης ἀρχῆς*); por exemplo, quando se pergunta a partir de que veio a contenda, responde-se que a partir de um insulto, enquanto foi esse o princípio a partir do qual a contenda veio-a-ser. ( $\Delta\#3$ ) Noutro sentido, entende-se vir-a-ser a partir do composto de matéria e forma (*ἐκ τοῦ συνθέτου ἐκ τῆς ὑλῆς καὶ τῆς μορφῆς*), assim como as partes derivam do todo, tal como os versos a partir da Ilíada e as pedras a partir da casa [...]. ( $\Delta\#4$ ) Ademais, entende-se que a forma vem-a-ser a partir de suas partes; por exemplo, o homem do bípede e a sílaba das letras. Mas esse é um modo diferente de vir-a-ser relativamente ao modo pelo qual a estátua vem-a-ser a partir do bronze: de fato, a substância composta vem-a-ser a partir da matéria sensível, enquanto a forma vem-a-ser a partir da matéria da forma (*ἐκ τῆς τοῦ εἰδους ὑλῆς*). ( $\Delta\#5$ ) De algumas coisas se diz dessas maneiras, enquanto de outras se diz que vêm-a-ser embora o significado de vir-a-ser se aplique apenas a uma parte da coisa (*κατὰ μέρος τι*): por exemplo, diz-se que o filho vem-a-ser a partir do pai e da mãe e as plantas da terra, porque derivam de alguma parte deles. ( $\Delta\#6$ ) Enfim, vir-a-ser a partir de algo entende-se no sentido do depois pelo tempo (*μεθ' ὁ τῷ χρόνῳ*): por exemplo, a noite vem-a-ser a partir do dia e a tempestade da bonança, enquanto uma vem depois da outra (*τοῦτο μετὰ τοῦτο*)”. (*Metafísica* Δ 24, 1023a26ff, adaptado a partir da tradução de Perine, 2015).

Algumas correspondências entre as duas listas são bastante diretas, como já notou Ross: *Gen#1* e  $\Delta\#6$  denotam antecedência e sucessão temporal entre duas coisas; *Gen#2* e  $\Delta\#1$  denotam a matéria constitutiva de algo; *Gen#4* e  $\Delta\#2$  destacam uma relação de causalidade eficiente (Ross, 1924, p. 339). Quanto aos casos excedentes  $\Delta\#4$  e  $\Delta\#5$ , parece-me possível reunir-los sob a lista mais sucinta de *Geração dos Animais* da seguinte maneira. O sentido  $\Delta\#4$  (partes da forma > forma) pode ser entendido como derivado do sentido *Gen#2/Δ#1* (matéria > substância), mas apenas por certa analogia,<sup>6</sup> dado que a “matéria” em questão “não designa a matéria que é o correlato da forma na constituição da substância

---

<sup>6</sup> Uma analogia, para Aristóteles, se dá “quando semelhantemente está o segundo termo em relação ao primeiro e o quarto em relação ao terceiro”, de modo a se dizer “em lugar do segundo o quarto ou em lugar do quarto o segundo” (*Poética*, 1457b16-19). Nesse caso, poderíamos dizer que os elementos da definição de algo estão para a forma da qual elas são elementos assim como a matéria está para uma substância composta.

composta, mas a matéria que é elemento de que a própria forma se constitui” (Angioni, 2019, p. 333). Quanto a Δ#5, trata-se simplesmente da extensão de algum ou de alguns sentidos mais básicos do ἐκ τίνος para a coisa como um todo de cuja parte a nova coisa deriva, de modo a tratar-se, evidentemente, de um uso secundário e subordinado aos outros. Pelos exemplos dados, esse sentido parece ser subordinado ao menos ao de causalidade eficiente. Deixemos, por ora, Δ#3 (composto > parte material) sem correspondente direto. Assim, a partir dessas observações, podemos construir o seguinte quadro de correspondências entre as listas de significados do ἐκ τίνος:

<i>Gen#1</i> (ἐκ τίνος como antecessor temporal)	=	Δ#6
<i>Gen#2</i> (ἐκ τίνος como matéria)	=	Δ#1 + Δ#4
<i>Gen#3</i> (ἐκ τίνος como contrário)	=	X
<i>Gen#4</i> (ἐκ τίνος como causa eficiente)	=	Δ#2 + Δ#5
X	=	Δ#3 (composto > parte)

Interessa-nos, sobretudo, os sentidos *Gen#3* (contrário) e *Gen#2/Δ#1* (matéria), pois são diretamente vinculados ao tema dos princípios da natureza – respectivamente, à forma e à privação, de um lado, e ao subjacente, de outro. No entanto, salta aos olhos que Aristóteles não tenha incluído o ἐκ τίνος como denotativo de contrariedade na listagem de Δ. Se essa inclusão não lhe pareceu necessária, isso deve ter se dado, parece-me, por uma de duas razões: ou (1) por se tratar de um sentido pouco relevante da expressão, ou (2) por ele acreditar que esse sentido já estivesse de certo modo incluso em algum dos outros listados em Δ.<sup>7</sup> Ora, como vimos, esse uso é crucial em *Física I* 7, onde ele é apresentado como a única construção com ἐκ apta a ser usada sem restrições. Além disso, como veremos adiante, Aristóteles afirma em Z 7 que o sentido do ἐκ τίνος como contrário privativo tem prioridade sobre o ἐκ τίνος como matéria – significado esse que, por sua vez, consta na lista. Portanto, parece mais razoável ficarmos

<sup>7</sup> Angioni levanta a possibilidade de a ausência do ἐκ τίνος como contrário ser explicada pelo fato de que Aristóteles, na *Metafísica*, estaria interessado não tanto na construção ἐκ τίνος γίγνουμαι, mas na construção ἐκ τίνος εἶναι, de modo a serem excluídas as ocorrências de ἐκ τίνος como contrário na medida em que, a rigor, elas só admitem a primeira formulação (Angioni, 2019, p. 329). No entanto, há duas menções ao verbo γίγνομαι sob a forma de ἐγένετο em 1023b10, onde Aristóteles ilustra o ἐκ τίνος como antecessor temporal com o exemplo da navegação que se segue do equinócio. Esse exemplo me parece deixar claro que *Metafísica* Δ está igualmente interessado nos casos que envolvem o *vir-a-ser* de uma coisa a partir de outra e, portanto, também em sentenças com o verbo γίγνομαι.

com a segunda opção: o ἐκ τίνος como contrariedade está incluso em algum outro uso da listagem de Δ.<sup>8</sup>

Qual seria, então, esse uso? A resposta que proponho para essa pergunta está no fato de haver, ao que me parece, entre os usos listados dessa preposição, um uso mais geral, que de certo modo inclui cada um dos outros e o qual se encontra especialmente ligado ao uso de ἐκ τίνος como contrário. Para esclarecer esse ponto, devemos recorrer a uma passagem de *Metafísica Z* 7<sup>9</sup> que, além de indicar um critério de prioridade para os usos de ἐκ, preparará o próximo passo da nossa investigação rumo à explicação metafísica da diferença de usos que estamos procurando justificar:

[...] apesar de dizermos que algo vem-a-ser tanto a partir da privação quanto a partir do subjacente que chamamos de matéria (τοῦ ὑποκειμένου ὁ λέγομεν τὴν ύλην) [...], antes se diz que algo vem-a-ser a partir da privação [...]. E quando a privação não é clara e é sem nome (ἡ στέρησις ἀδηλος καὶ ἀνώνυμος) [...], parece que as coisas vêm-a-ser a partir dessas [matéria] [...]. De fato, se alguém considera rigorosamente, não se pode dizer pura e simplesmente dessa maneira, porque aquilo a partir do qual algo vem-a-ser deve ser aquilo que muda e não aquilo que permanece (τὸ δεῖν μεταβάλλοντος γίγνεσθαι εξ οὗ, ἀλλ' οὐχ ὑπομένοντος). Por isso se diz desse modo". (*Metafísica Z* 7, 1033a5ff).

Aristóteles aqui nos informa ao menos três coisas de suma relevância. (1) Em primeiro lugar, entre a privação e a matéria, é sobretudo (μᾶλλον, 1033a11) a privação que dizemos ser um ἐκ τίνος, de modo que a matéria o é apenas em sentido subordinado, enfatizando o que vimos em *Física I* 7 (190a22). (2) Além disso, a preferência pela privação, que configura o caso típico, é justificada: o ἐκ τίνος deve ser algo que muda (um μετάβαλλον)<sup>10</sup> e não algo que permanece (um

<sup>8</sup> Ross parece ter entendido do mesmo modo. Ver nota 12 adiante.

<sup>9</sup> Apesar de os capítulos 7-9 de *Metafísica Z* serem frequentemente considerados inserções posteriores em Z (para essa questão, ver sobretudo Burnyeat, 2001, p. 29-31), os intérpretes não parecem encontrar razões fortes para duvidar de sua autoria, razão pela qual não me parece inadequado referir-se a Z 7-9 em vista de esclarecer outras passagens aristotélicas.

<sup>10</sup> Como notou Gill (comentário transmitido oralmente no curso PHIL 1135, outono de 2024, na Brown University), essa passagem pode causar certo estranhamento dado que Aristóteles defenderá adiante que os contrários presentes em algo que vem-a-ser não estão, eles mesmos, sujeitos a vir-a-ser (Z 8, 1033a28-b19). Na verdade, o que Aristóteles quer destacar aqui ao chamar de "τὸ μετάβαλλον" a privação que inere no ὑποκειμένον parece ser simplesmente o fato de que ela não permanece ao longo do processo. Isso fica claro se comparamos essa passagem à de *Física I* 7, onde o mesmo item é chamado de τὸ μὴ ὑπόμενον (190a22-23).

ύπόμενον) ao longo do processo. (3) Por fim, também as exceções – ou seja, os casos onde “o subjacente que chamamos de matéria” pode ser considerado um ἐκ τίνος – são justificadas: são aqueles casos onde “a privação não é clara (ἀδηλος) e é sem nome (ἀνώνυμος)”, e sabemos que tais casos são fabricações de artefatos a partir de certa matéria. Usaremos as teses 1 e 2 para hierarquizar os usos de ἐκ nesta seção e usaremos a tese 3 para dar o primeiro passo da justificação metafísica do uso de ἐκ nas próximas.

Tendo por base essas afirmações de Z 7, devemos voltar à nossa questão anterior: qual significado, dentre os listados em *Metafísica* Δ 24 e em *Geração dos Animais* I 18, abrange os outros? Pelo critério que acabamos de conhecer, o ἐκ τίνος deve ser sobretudo um μετάβαλλον, razão pela qual sugiro que o uso mais geral e abrangente dessa expressão é o de antecedente temporal (*Gen#1/Δ#6*).<sup>11</sup> Nesse uso, o ἐκ τίνος representa o caso paradigmático de algo que não meramente antecede o vir-a-ser, mas que não permanece, sendo deixado de lado ou abandonado e efetivamente substituído por outra coisa (cf. Kirwan, 1998, p. 173). Por isso, esse uso de ἐκ τίνος parece designar, em sentido mais forte que os outros, um μετάβαλλον no que diz respeito à coisa que se transforma. Os exemplos aludidos por Aristóteles em *Geração dos Animais* deixam isso bastante claro: de fato, a noite se evanesce e dá lugar ao dia, que a substitui, e, também, o menino dá lugar ao homem de maneira semelhante (724a22-23).

Essa caracterização, ao que me parece, se aplica em algum grau também aos outros usos de ἐκ listados por Aristóteles, e especialmente ao caso dos contrários (*Gen#3*).<sup>12</sup> Nele, a privação pode ser considerada um ἐκ τίνος

---

<sup>11</sup> Ao tratar desse uso da preposição ἐκ como sendo mais abrangente que os outros e estando, em alguma medida, subentendido neles, de modo algum quero dizer que ele é “primeiro” ou “prioritário” em termos cronológicos, como se se tratasse de um significado original – e, nesse sentido, mais fundamental – do qual os outros teriam derivado historicamente. Na verdade, parece que o primeiro sentido dessa preposição é, ao contrário, mais específico: o de “sair do interior de” alguma coisa (Luraghi, 2003, p. 95-97), de modo que o uso de ἐκ como indicativo de mera sucessão no tempo parece ser posterior e até mesmo “impróprio”, dado seu caráter não espacial e mais abstrato (Bortone, 2010, p. 237, 283, 295), algo que já há séculos parece ter sido notado (e.g., Aquino, 2017, p. 194). Isso, no entanto, não configura um obstáculo à hipótese que pretendo defender aqui: ao contrário, é justamente em razão de ser um uso posterior e mais abstrato da preposição que ele acaba por ser mais abrangente e possivelmente mais capaz de incluir os outros.

<sup>12</sup> Ross já havia traçado a correspondência entre o ἐκ τίνος como contrário na *Geração dos Animais* e o ἐκ τίνος como antecessor temporal em *Metafísica* Δ (Ross, 1924, p. 339), sem, no entanto, explicar as razões dessa associação e, também, sem estendê-la, em qualquer medida, aos outros sentidos, como pretendo fazer aqui.

justamente porque, em qualquer mudança, a aquisição de uma forma é sempre cronologicamente posterior ao estado privativo dessa forma, onde o ente apenas a tinha em potência antes de se transformar. A privação, por sua vez, é abandonada no processo, de modo que o homem, na exata medida em que aprende a arte da música, deixa de ser ignorante com relação a ela. Assim, fica claro que o vir-a-ser a partir do contrário se assemelha intimamente ao sentido de *ἐκ τίνος* que reconhecemos como mais lato, de modo que me parece bastante plausível que Aristóteles, ao escrever o livro Δ da *Metafísica*, o tenha tido como já representado por ele.

Quanto aos casos *Gen#4/Δ#2* e *Δ#3*, também não é difícil remetê-los ao *ἐκ τίνος* mais geral. A anterioridade temporal da causa eficiente com relação ao efeito que dela deriva (*Gen#4/Δ#2*) é frequentemente reiterada no *Corpus* (e.g., *Metafísica Θ 8*, 1049b17ff). Além de estar presente no começo do processo, a causa eficiente também tende a abandonar seu efeito uma vez que este se encontra realizado, o que é muito bem ilustrado nos exemplos preferidos de Aristóteles, como quando um artífice realiza sua obra ou os pais geram um filho. No que diz respeito aos casos onde a parte é extraída do todo (*Δ#3*), também não é difícil ver como o todo preexiste à parte extraída, ao menos enquanto parte extraída. A existência da parte é, ao fim da mudança, independente do seu todo original, uma vez que este foi abandonado por ela no processo de extração.<sup>13</sup>

Alguém poderia se questionar, a respeito do *ἐκ τίνος* de cada um desses dois últimos casos, se acaso tratar-se-ia de um verdadeiro *μετάβαλλον* – isto é, algo de que muda –, uma vez que, tanto em um quanto em outro, as coisas que atuam como *ἐκ τίνος* não se esvanecem propriamente como no caso do dia que sucede a noite. De fato, um certo todo, como a *Ilíada*, continua existindo enquanto tal se um de seus versos é extraído, assim como certo ente que atuara como causa eficiente de outra coisa também pode continuar existindo enquanto tal após ter causado essa coisa. A isso devo responder reiterando que, em ambos os casos citados, a coisa gerada abandona seu *ἐκ τίνος*, deixando-o para trás em

---

<sup>13</sup> Como notou Gill (comentário transmitido oralmente no curso PHIL 1135, outono de 2024, na Brown University) esse raciocínio pode causar certa ambiguidade. Não se trata aqui, como pode parecer, de dizer que a parte é anterior ao todo em sentido absoluto, mas apenas de dizer que, ao se extrair certa parte de um todo, o todo em questão preexiste a esse processo e foi abandonado por sua parte quando esta foi extraída.

sua transformação, seja ele sua causa eficiente ou o todo do qual outrora fizera parte, de modo que o *ἐκ τίνος* não se encontra mais presente com a coisa, ainda que possa continuar existindo separadamente. Esses casos, portanto, não apresentam dificuldade ao serem remetidos ao significado mais lato de *ἐκ τίνος*.

Na verdade, difícil mesmo é o caso do “subjacente que chamamos matéria” que, mesmo se encontrando no ponto de partida da mudança – de modo a guardar, assim, relativa antecedência temporal – jamais abandona o artefato no decorrer do processo e continua presente em sua constituição mesmo após o término da fabricação.<sup>14</sup> No caso do homem que se torna músico, já é claro por que razão ele não pode ser um *ἐκ τίνος* na descrição desse processo (191a5-9): trata-se de algo que, por mais que já estivesse presente antes do processo – de modo a ser, de fato, um antecessor temporal do homem músico – igualmente continua existindo no resultado da mudança. Dado que o homem não foi abandonado, ele não é de forma alguma um *μετάβαλλον* e tampouco um *ἐκ τίνος*. A questão, enfim, é saber por que o mesmo não se passa com a matéria, que parece igualmente permanecer no decorrer da fabricação de um artefato.<sup>15</sup> Em que sentido, portanto, ela pode ser considerada um *μετάβαλλον* e um *ἐκ τίνος*?

## **2 A verticalidade do vir-a-ser substancial e especialmente dos artefatos**

Como ficou claro a partir do cruzamento das passagens de *Física I* 7 e de *Metafísica Z* 7, o substrato da mudança – que em princípio não é um *μετάβαλλον* – só deve ser considerado um *ἐκ τίνος* em casos como aqueles de fabricação de artefatos, onde a privação – que é o *μετάβαλλον* abandonado no processo – não é clara e não tem um nome. Para que as coisas se passem desse modo, é razoável

---

<sup>14</sup> As visões de Politis e Jones mencionadas acima parecem subentender uma intuição muito próxima daquela que expus aqui: a de que também a matéria não escapa do fato de *ἐκ* indicar sucessão temporal e substituição de uma coisa pela outra, de modo a terem vetado qualquer permanência a ela. Jones, inclusive, chega a dizer explicitamente que o uso de *ἐκ* no caso da matéria é “puramente cronológico” (Jones, 1972, p. 493). Como foi dito, meu objetivo aqui é evitar essa posição contraintuitiva.

<sup>15</sup> Isso não deve ser motivo para que se invalide o que foi dito até aqui acerca do uso de *ἐκ* como indicativo de sucessão temporal abranger os outros usos. Como veremos adiante ao analisar *Metafísica H* 5, Aristóteles traça um paralelo explícito entre o vir-a-ser das substâncias e o vir-a-ser do dia a partir da noite (1045a3), exemplo usado, como vimos, para exemplificar o *ἐκ τίνος* como antecessor temporal.

supor que, nesses contextos, a matéria deva parecer-se, sob algum aspecto, com um μετάβαλλον, de modo a poder engendrar na linguagem esse modo de dizer. Por isso, convém esclarecer duas coisas acerca desses casos: de um lado, as razões pelas quais Aristóteles atribui à privação a obscuridade e o anonimato mencionados em Z 7 (ἀδηλός καὶ ἀνώνυμος) e, de outro, de que maneira a matéria poderia se assemelhar a um μετάβαλλον. Ambos esses pontos serão respondidos na seção 3 deste trabalho. Esse esclarecimento, no entanto, requer um aprofundamento preliminar com relação a aquela estrutura do vir-a-ser descrita resumidamente na Introdução.

Como dito anteriormente, o modelo descrito em *Física I* 7 é tradicionalmente tomado como uma descrição de toda e qualquer forma de mudança, ainda que com certas dificuldades, como veremos. Para lidar com esses problemas de modo a auxiliar no objetivo deste artigo, inspirar-me-ei na visão de Gill a esse respeito: de acordo com ela, é possível encontrar no *Corpus Aristotelicum* dois modelos fundamentais utilizados para descrever o vir-a-ser: o chamado *replacement model*, elaborado e fundamentado em *Física I* 7 para as mudanças acidentais, e o chamado *construction model*, elaborado em *Metafísica H* 5 para as mudanças substanciais. Para os propósitos deste trabalho, bastar-nos-á reconhecer que este último modelo se aplica às fabricações de artefatos, tais como o vir-a-ser da estátua a partir do bronze.

Reconstruo, abaixo, o que me parece ser, na interpretação de Gill, o modelo descrito em *Física I* 7 para explicar mais apropriadamente as mudanças acidentais:

**forma 1 (privação de forma 2)    ⇌    forma 2 (privação de forma 1)**

---

[substância]

Em comparação com a nossa descrição anterior do modelo de *Física I* 7, o modo como Gill o concebe acrescenta algumas especificações. Esse modelo parece ter ao menos três características principais, destacadas também por outros comentadores. (1) Em primeiro lugar, os termos opostos devem se opor um ao outro à maneira de contrários – ou seja, com “igual status ontológico dentro de um mesmo gênero” – de modo a haver “um caminho, fixado por uma série de

pontos, entre um *terminus a quo* e um *terminus ad quem*" e "os pontos de intervenção devem ter um status comparável ao daqueles dos termos, de modo que a série inteira constitua um contínuo linear". Assim, por exemplo, Sócrates vai de Atenas a Tebas, que são ambas lugares de igual "complexidade ontológica" e que admitem entre si um caminho de intermediários (Gill, 1991, p. 90-91; cf. Charlton, 1992, p. 66; Delcommenete, 2019, p. 173-174 etc.). (2) Além disso, algo da coisa preexistente deve persistir (190a9-21), de modo a evitar que a mudança seja uma completa substituição de entidades (Gill, 1991, p. 91; Morison, 2018, p. 241-242; Judson, 2019, p. 72 etc.). Dado que se trataria, como será explicado a seguir, de um modelo que melhor se aplica à descrição das mudanças acidentais, a coisa persistente é uma substância – nesse caso, Sócrates, que vai de Atenas a Tebas. (3) Finalmente, as mudanças descritas por esse modelo são tipicamente reversíveis – ainda que nem sempre o sejam –, do que podemos inferir que cada um dos opostos atua, a cada vez que o processo se conclui, como privação do outro e vice-versa (cf. 193b18-20). Desse modo, Sócrates vai a Tebas, mas podendo a qualquer momento regressar a Atenas (Gill, 1991, p. 91; cf. Judson, 2018; Delcommenete, 2020, p. 179-180 etc.).

Essas características frequentemente levaram os comentadores a se perguntarem em que medida esse tratamento dos princípios de fato é adequado às gerações substanciais. (1) Em primeiro lugar, Aristóteles salienta diversas vezes no *Corpus* que substâncias não têm contrários, mas se opõem umas às outras de uma maneira diferente (e.g.: *Categorias* 5, 3b24-27; *Física I* 6, 189a32-33; V 2, 225b10-11 etc.), o que é provavelmente a dificuldade mais observada pelos comentadores (e.g., Gill, 1991, p. 91-92; Judson, 2018, p. 131-133; Delcommenete, 2018, p. 181). (2) Ademais, há profundas divergências quanto ao modo pelo qual um *όποκείμενον* permanece – se é que permanece – nos casos de geração substancial (para leituras distintas a esse respeito, ver Jones, 1974; Charlton, 1992, p. 75-76; Charles, 2018 etc.). A opinião de Gill, que adoto aqui ao menos com relação à fabricação dos artefatos, é a de que há, sim, algo persistente, mas de um modo diferente (Gill, 1991, p. 92), como veremos adiante. (3) Por fim, as gerações substanciais são tipicamente irreversíveis, ao menos se entendemos "reversibilidade" no sentido de um regresso, em qualquer estágio do processo, ao

estado anterior de sua geração, tal como Sócrates pode regressar à Atenas a qualquer ponto do caminho para Tebas (Gill, 1991, p. 92).

Se o *replacement model* descrito em *Física I* 7 não é capaz de contemplar adequadamente o vir-a-ser das substâncias, é porque ele deve ser descrito, segundo Gill, por um outro modelo, o chamado *construction model*, apresentado por Aristóteles em *Metafísica H 5*. Transcrevo, abaixo, a passagem que ilustraria dois ciclos de gerações e corrupções de acordo com o modelo em questão:

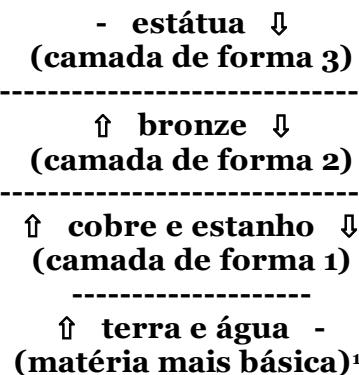
O modo como a matéria de cada coisa se relaciona com os opostos comporta uma dificuldade: se o corpo é sadio em potência, mas a doença é contrária à saúde, então o corpo seria ambos em potência? E a água é vinho e vinagre em potência? Ou é a matéria de um [deles] quanto à posse e à forma ( $\kappa\alpha\theta'\ \varepsilon\xi\iota\nu\ \kappa\alpha\iota\ \kappa\alpha\tau\alpha\ \tau\o\ \varepsilon\iota\delta\o\varsigma$ ), mas é matéria de outro enquanto é privação e corrupção ( $\kappa\alpha\tau\alpha\ \sigma\tau\epsilon\rho\eta\varsigma\iota\nu\ \kappa\alpha\iota\ \varphi\theta\sigma\rho\alpha\varsigma$ ) contra a natureza? – Também [nisso] há certa dificuldade: por que o vinho não é matéria do vinagre e nem é vinagre em potência – ainda que o vinagre venha-a-ser a partir [do vinho] – e [por que] também o animal não é [matéria do cadáver e] cadáver em potência? De fato, [eles] não [são]. No entanto, as corrupções se dão por acidente ( $\kappa\alpha\tau\alpha\ \sigma\upsilon\mu\beta\epsilon\beta\eta\kappa\o\varsigma$ ), e a própria matéria do animal é potência e matéria do cadáver segundo a corrupção, e, também, a água [é matéria e potência] do vinagre. De fato, [o cadáver e o vinagre] vêm-a-ser a partir [do animal e do vinho] tal como a noite vem-a-ser a partir do dia, e as coisas que mudam desse modo umas nas outras devem retornar ( $\delta\epsilon\iota\ \varepsilon\pi\alpha\epsilon\lambda\theta\iota\nu$ ) à matéria: se o animal vem-a-ser a partir do cadáver, primeiro [deve retornar] à matéria, e então desse modo o animal [vem-a-ser]; e o vinagre [deve retornar] à água, e então o vinho [vem-a-ser]". (*Metafísica H 5*, 1044b29-1045a6).

Aqui, Aristóteles nos apresenta dois ciclos de transformações substanciais: de um lado, aquele pelo qual o vinho vem-a-ser a partir da água, em seguida vem-a-ser vinagre e, finalmente, retorna à água; de outro, aquele pelo qual um animal emerge de sua matéria, eventualmente se torna cadáver e, por fim, retorna à sua matéria. Tomemos como referência o primeiro exemplo, pois se trata de um processo artificial, tal qual aquele da estátua que estamos investigando. Ross observa que cada processo envolvido no ciclo em questão tem uma natureza distinta: trata-se, quando a água se torna vinho, de um processo segundo a posse e a forma ( $\kappa\alpha\theta'\ \varepsilon\xi\iota\nu\ \kappa\alpha\iota\ \kappa\alpha\tau\alpha\ \tau\o\ \varepsilon\iota\delta\o\varsigma$ , 1044b32-33); quando a água se torna vinagre, de um processo segundo a privação e a corrupção ( $\kappa\alpha\tau\alpha\ \sigma\tau\epsilon\rho\eta\varsigma\iota\nu\ \kappa\alpha\iota\ \varphi\theta\sigma\rho\alpha\varsigma$ ).



φθορὰν, 1044b33-34); quando o vinagre e o vinho se transformam um no outro, de um processo por acidente (κατὰ συμβεβηκός, 1044b36-1045a1) (Ross, 1924, p. 236-237). Essas diferenças trazem uma consequência importante para o que chamamos de “matéria” nesses processos: apesar de as transformações descritas se darem ora a partir da água, ora a partir do vinho e ora a partir do vinagre, isso não implica que cada um deles seja matéria e potência um do outro (cf. Bostock, 2018, p. 278): de um lado, é verdade que a coisa a partir da qual o vinho vem -a-ser – seu ἐκ τίνος – é a água e esta, de fato, é sua matéria e estava em potência para tornar-se vinho; de outro lado, no entanto, o vinho a partir do qual tanto o vinagre quanto a água vêm-a-ser – também um ἐκ τίνος – não pode ser caracterizado como sendo a matéria e como estando em potência para o vinagre e para a água nos quais ele se corrompe, mas, ao contrário, é a própria água que é matéria do vinagre e do vinho (Gill, 1991, p. 94). No primeiro caso, a matéria é ponto de partida; no segundo, o ponto de chegada.

Como notou Gill, essa maneira de conceber os extremos do vir-a-ser substancial implica uma verticalidade na estrutura desses processos, onde cada geração acrescenta uma nova “camada de forma” à coisa anterior que, por sua vez, serve como matéria do novo composto, enquanto cada corrupção remove uma dessas camadas, de modo que os opostos entre os quais esses processos se dão se encontram em níveis distintos de complexidade (Gill, 1991, p. 95-96). Podemos ilustrar esse modelo do seguinte modo, retomando o exemplo da estátua brônzea, onde as setas para cima e para baixo indicam, respectivamente, os processos de geração e corrupção das substâncias:



<sup>16</sup> Há divergências com relação à natureza da matéria mais básica em Aristóteles. Gill, por sua vez, rejeita a presença da matéria-prima no sistema aristotélico de mundo, afirmando, ao contrário,

Também com relação a esse modelo Gill salienta três coisas, em contraposição ao que foi dito acerca do *replacement model*. (1) Em primeiro lugar, como foi dito, as coisas que se encontram nos *termini ab quo* e *ad quem* das mudanças substanciais apresentam graus diversos de complexidade, de modo a não terem um status ontológico comparável enquanto contrários ou intermediários no interior do mesmo gênero. Assim, há degraus de complexidade crescente entre os diversos produtos do vir-a-ser substancial. (2) Além disso, o modo pelo qual algo permanece ao longo da mudança é distinto, uma vez que não se trata da reposição de duas características ontologicamente semelhantes em uma entidade permanente. Na verdade, não é a matéria da coisa inicial que permanece como matéria da nova substância – como verificariíamos no *replacement model* –, mas é a coisa preexistente como um todo que persiste como matéria próxima da substância gerada. Por exemplo, a água, cuja existência antes era independente, agora é matéria do vinho, e, também, o bronze, que era como chamávamos a coisa preexistente à estátua, agora é matéria da estátua. A matéria da substância inicial, ao contrário, permanece somente como matéria remota da substância gerada: o cobre e o estanho que compunham o bronze ainda estão presentes na estátua brônea, mas não como sua matéria imediata – esta, com efeito, é o bronze. (3) Finalmente, a reversibilidade da mudança só pode ocorrer quando a coisa já retornou (ἐπανελθεῖν, 1044a5) totalmente à matéria da qual ela é constituída. Assim, o vinho não pode, numa etapa intermediária de seu processo de degradação – isto é, quando for vinagre –, restaurar-se a qualquer momento como vinho: é preciso que ele antes se torne água para que o vinho seja novamente fabricado. Ao contrário, caso se tratasse de um processo contemplado pelo *replacement model*, deveríamos esperar que a mudança fosse reversível em qualquer um de seus pontos intermediários (Gill, 1991, p. 94-96).

Para os fins deste artigo, o que devemos reter dessa caracterização do vir-a-ser das substâncias é principalmente a sua verticalidade, oriunda do fato de que a geração de uma nova substância se dá pela aquisição de uma nova camada de forma por parte da coisa preexistente que, por sua vez, passa a atuar como

---

que a matéria mais básica são os quatro elementos (ver Gill, 1991, cap 2). Em vista de observar a fidelidade ao modelo de Gill, mantive os elementos como substrato último da geração.

matéria do novo composto, enquanto a corrupção, por sua vez, se dá pela gradual perda de uma dessas camadas.

### 3 Fundamentação metafísica do uso de *ἐκ τίνος* como matéria

A partir dessa nova descrição do vir-a-ser das substâncias, é hora de finalmente esclarecer, de um lado, por que a privação é obscura e anônima e, de outro, como a matéria, em alguma medida, se aproxima de ser um *μετάβαλλον*.

Quanto à obscuridade e ao anonimato que são atribuídos à privação, vale primeiro notar que Aristóteles de fato utiliza termos bastante genéricos para descrever o estado privativo que antecede a fabricação de um artefato: ele é frequentemente descrito como um estado de desfiguração (*ἀσχημοσύνην*), deformidade (*ἀμορφίαν*) e desarranjo (*ἀταξίαν*), em vez de um nome determinado (*Física I* 7, 190b14-17, além de 191a2 191a10). Esse modo de descrever a privação da forma substancial me parece estar fundamentado no fato de que, nesses casos, a privação de fato não é uma característica determinada de mesma complexidade ontológica que a da forma adquirida, mas é um estado caracterizado sobretudo pela desarticulação atual da coisa no que diz respeito às camadas superiores de forma que ela pode vir a adquirir, ao modo do que vimos no *construction model*. Ademais, há sempre uma gama de diferentes formas que certa matéria pode vir a adquirir, formas essas que não se encontram dispostas num contínuo linear do tipo requerido pelo *replacement model*: a partir do bronze pode fabricar-se tanto uma estátua quanto um machado, assim como o cobre e o estanho podem se tornar matérias de outros artefatos que não o bronze; os quatro elementos – água, terra, fogo e ar –, por sua vez, podem dar origem a uma variedade ainda maior de substâncias mais complexas.

Assim, a indeterminação geral que configura o ponto de partida da fabricação de um artefato se dá justamente porque ele e o seu oposto – isto é, a forma adquirida – não são pontos ontologicamente equivalentes de um mesmo contínuo linear horizontal. Se esse fosse o caso, a privação seria uma característica determinada no interior desse contínuo, não comportando qualquer obscuridade, de modo que sua natureza seria mais fácil de nomear. Ao contrário, como se trata da aquisição de um degrau mais elevado de

complexidade formal, a privação dessa nova camada não pode ser caracterizada como a privação de uma configuração específica, uma vez que ela tem potência para adquirir configurações diversas – novamente, a estátua brônzea, o machado brônzeo etc. Portanto, a privação “não é clara e não tem um nome” no caso da fabricação dos artefatos justamente porque o estado em que a coisa preexistente se encontrava privada da forma substancial que viria a adquirir não é outra forma determinada – isto é, uma característica positiva que seria abandonada para dar lugar a uma contrária que seria adquirida –, mas é simplesmente uma substância, que por sua vez pode vir a se tornar matéria de um leque de substâncias mais complexas.

Vale lembrar que essa indeterminação do estado privativo não parece ocorrer com outros tipos de geração substancial. Como mencionado acima, os seres vivos vêm-a-ser a partir de uma semente (*ἐκ σπέρματος*, 190b4-5), coisa essa que, por definição, comporta tanto a parte da coisa que permanecerá quanto o estado privativo que será abandonado (Morison, 2020, p. 255). Até aí, tanto a semente que ainda não brotou quanto o bronze preexistente à confecção da estátua se encontram na mesma situação. No entanto, no caso da semente, o estado privativo não comporta qualquer obscuridade: a matéria em questão apresenta uma privação bastante determinada e, por assim dizer, já direcionada a se tornar uma coisa específica, de modo que sabemos que de uma semente de carvalho jamais nascerá um elefante ou uma girafa. Ao contrário, o bronze, como foi dito, pode tornar-se uma série de coisas distintas, nenhuma delas sendo facilmente reconhecida ao nos depararmos com um pedaço de bronze ainda não elaborado. Em razão dessa clareza – ausente no caso do bronze e presente no caso da semente – damos o nome de “semente” à referida coisa composta de subjacente + privação.

Em certo sentido, bastaria o que foi dito até aqui para justificar a descrição da matéria como *ἐκ τίνος*. Dado esse caráter indeterminado do estado privativo, é natural que a descrição daquilo a partir do qual uma nova coisa veio-a-ser – isto é, a descrição do *ἐκ τίνος* – se dê em termos daquilo que havia de mais determinado e de mais reconhecível no ponto de partida do processo: justamente a substância que se tornou matéria da nova coisa. No entanto, foi argumentado anteriormente que o *ἐκ τίνος*, em todos os seus outros usos, é algo a ser, de algum

modo, abandonado pelo γιγνόμενον ao longo da mudança, de modo a ser caracterizado não somente como mero ponto de partida, mas como um μετάβαλλον. Esse ponto é reforçado pelo fato de que, ao descrever o ciclo de gerações e corrupções na passagem supracitada de H 5, Aristóteles compara as gerações substanciais com o vir-a-ser do dia a partir da noite (1045a3), caso com o qual já lidamos em *Geração dos Animais* e em *Metafísica Δ* e que aí é novamente evocado, ao meu ver, em razão de se tratar do caso paradigmático, sugerindo que o ἐκ τίνος como matéria de fato guarda alguma relação com o uso de ἐκ τίνος como antecessor temporal que implica abandono e substituição. Convém, finalmente, encarar essa dificuldade.

Independentemente do modelo que adotemos para a descrição do vir-a-ser substancial, se detivermos nossa atenção no bronze, é evidente que ele é, enquanto bronze, um ύπόμενον. De fato, se nos perguntarmos no início do processo se o bronze está presente, responderemos que sim; se o fizermos novamente ao término da mudança, verificaremos igualmente que ele está ali. Assim, são bastante claras as razões pelas quais é possível – e muito mais intuitivo – dizer que o bronze permanece, de modo que a estátua ainda pode ser chamada “brônzea” (*Metafísica Z 7*, 1033a5-8). Alternativamente, gostaria de propor um novo enfoque para essa pergunta, de modo a aproximar a matéria do μετάβαλλον que estamos buscando, visando entender por que razão a matéria está apta a cumprir esse papel uma vez que, como vimos, nos contextos de geração substancial, “a privação não é clara e não tem um nome”.

Segundo o modo como tradicionalmente se entende o vir-a-ser substancial – isto é, ao modo do *replacement model* –, deveríamos verificar a permanência do que entendemos ser o subjacente tanto no começo do processo quanto em seu fim, de modo que houvesse uma alternância entre duas formas distintas e a permanência do subjacente enquanto subjacente. Assim, era de se esperar que a resposta à pergunta “o que é a forma disto?” variasse entre o início e o fim do processo, enquanto a resposta à pergunta “o que é o subjacente disto?” deveria ter sido a mesma tanto no início da mudança quanto depois de seu término. Retomemos o exemplo do homem músico, caso exemplar do *replacement model*, para ilustrar isso:

	antes da mudança	depois da mudança
forma	não-músico	músico
subjacente	homem	homem

No esquema cima, fica claro que à pergunta “qual é a forma disto?” devemos responder de maneira distinta em cada momento: no começo, a forma relevante era a ignorância da música; no fim, o conhecimento musical adquirido. O subjacente, por sua vez, permaneceu o mesmo: é “homem” que deve ser, em ambos os momentos, a resposta à pergunta “o que é o subjacente?”. Se interpretássemos a geração substancial segundo o mesmo modelo, deveríamos esperar que a matéria/substrato da coisa inicial fosse a mesma da substância gerada. A consequência natural dessa análise seria a de que a matéria de fato não é um μετάβαλλον, isto é, não é algo que muda ao longo do processo, uma vez que a pergunta “o que é a matéria disto?” teria a mesma resposta em qualquer das etapas da mudança. Agora, algo muito diferente se passa quando descrevemos a confecção de um artefato segundo o modelo de *Metafísica H 5*. O fato é que, se compararmos o ponto de partida e o ponto de chegada de uma dada fabricação segundo a lógica do *construction model*, verificaremos o seguinte:

	antes da mudança	depois da mudança
forma	bronze	estátua
matéria	cobre e estanho	bronze

Como vimos na seção anterior, no *construction model*, a coisa pré-existente permanece inteira como matéria da nova coisa. Pelo quadro acima, se nos perguntarmos, antes da mudança acontecer, qual é a forma e qual é a matéria daquela coisa inicial, deveremos dizer: a forma disto é “bronze” e sua matéria é “cobre e estanho”. Agora, se lançarmos a mesma pergunta ao fim do processo, não mais sobre a coisa que era, mas sobre a coisa que veio-a-ser, obteremos duas respostas diferentes: a forma disto é “estátua” e sua matéria é “bronze”. Assim, no caso da fabricação da estátua, forma e matéria são coisas diferentes em cada um dos *termini*, de modo que não é possível dizer que a matéria continuou a mesma no decorrer do processo. Aqui, portanto, a coisa gerada não se identifica

com a coisa pré-existente nem no que diz respeito à sua forma – como é o caso de todo e qualquer processo de mudança – e nem no que diz respeito ao seu subjacente.

Sob esse prisma, é possível conciliar a permanência do bronze e a relativa evanescência da matéria. O bronze permanece, mas não enquanto aquilo que ele antes representava no conjunto da composição da coisa: anteriormente, “bronze” era a forma que dava nome à coisa inteira – um pedaço de bronze; agora, “bronze” descreve apenas a dimensão material de um composto formalmente mais complexo – a estátua brônzea. Para usar um vocabulário bastante popular nas interpretações contemporâneas de Aristóteles (ver lista de exemplos em Angioni, 2012, p. 232), o bronze permaneceu, mas assumindo uma diferente “função” no composto. O mesmo vale para o cobre e o estanho, que atuam como matéria do pedaço de bronze: também eles permaneceram, não como matéria próxima e imediata da estátua, mas como sua matéria remota, de modo a também estarem desempenhando um papel diferente na constituição da nova substância. Assim, por um lado, se detivermos nossa atenção nessas coisas mesmas que atuam como matéria nos exemplos citados, é de fato mais natural caracterizar a situação dessas entidades como um estado de permanência, uma vez que elas estão lá, de algum modo, tanto no começo quanto no fim do processo. Por outro lado, se detivermos nosso olhar na matéria enquanto matéria – isto é, para nos mantermos naquele mesmo vocabulário, na matéria enquanto “função” que algo pode assumir no interior de um composto –, não será inadequado dizer que a matéria muda no decorrer do processo, pois antes era uma e agora é outra.

Portanto, é razoável caracterizar o substrato de um novo artefato – e, portanto, a substância anterior – como *μετάβαλλον* e, consequentemente, como *ἐκ τίνος*. Quando a estátua vem-a-ser a partir do bronze, ela deixa para trás sua caracterização formal-substancial como “bronze”, para adquirir sua nova camada de forma e, com ela, o novo nome “estátua” – em outras palavras, ela deixa de ser “bronze” e passa a ser “brônzea” (1033a5-8). É nesse sentido – e apenas nesse sentido – que o bronze parece ser abandonado: enquanto ocupante da função formal-estruturante do composto. Ademais, ele ainda pertence à estátua, mas como sua matéria, razão pela qual não será um *ἐκ τίνος* em sentido forte e principal, ainda que o seja de algum modo.

## Considerações finais

Ao longo deste trabalho, vimos que é possível conciliar, de um lado, o fato de que (1) aquilo a partir do que uma coisa vem -a-ser – o *ἐκ τίνος* de sua mudança – tem o caráter de algo que muda – de um *μετάβαλλον* – e, de outro, o fato de que (2) a matéria de um artefato que permanece em sua constituição pode, por vezes, ser considerada um *ἐκ τίνος*. Essa coerência pode ser estabelecida se considerarmos, de um lado, que o bronze preexistente a partir do qual a estátua foi feita permanece como bronze na nova estátua e, de outro, que, no resultado da fabricação da estátua, esse mesmo bronze mudou de função no interior do composto, pois deixou de ser a forma que dá nome à substância e passou a atuar como matéria da estátua que foi confeccionada.

Por fim, vale notar que, se supuermos que o *construction model* de fato se aplica a todas as gerações substanciais e não somente à fabricação de artefatos, a conclusão a respeito de o subjacente também ser, ao seu modo, um *μετάβαλλον* talvez ajude a esclarecer também outras maneiras tipicamente aristotélicas de descrever esse tipo processo. Com efeito, Aristóteles às vezes caracteriza o vir-a-ser das substâncias como “vir-a-ser pura e simplesmente” (*ἀπλῶς γίγνεσθαι*, e.g., *Metafísica* H 1, 1042b8, *Física* V 225a12-a17 etc.), bem como afirma que, nesses casos, “o todo muda” (*ὅλον μεταβάλλει*, e.g., *Geração e Corrupção* I 4, 319b14-15 etc.). De fato, se lançamos nosso olhar para o ponto de partida e para o ponto de chegada da geração substancial, vemos que tanto a forma quanto a matéria em questão – ou seja, a coisa como um todo, nesse sentido – não são mais as mesmas em um e em outro estágio da mudança.

## Referências

- AQUINO, T. *Comentário à Metafísica de Aristóteles V-VIII*. Tradução de Paulo Fantanin e Bernardo Veiga. Campinas: Vide Editorial, 2017.
- ARISTÓTELES. *Metafísica: volume II*. Ensaio Introdutório, texto grego com tradução ao lado e comentário de Giovanni Reale. 5. ed. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- ARISTÓTELES. *Sobre a Arte Poética*. Tradução por Antônio Mattoso e Antônio Queirós Campos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

ARISTOTLE. *Generation of Animals*. Translated by A. L. Peck. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

ANGIONI, L. *As Noções Aristotélicas de Substância e Essência*. Campinas: Editora UNICAMP, 2012.

ANGIONI, L. O Léxico Filosófico de Aristóteles III: Comentários a *Metafísica* V. 18-30. In: *Dissertatio*, v. 48, p. 295-376, 2019.

ANGIONI, L. *Aristóteles: Física I-II*. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

BORTONE, P. *Greek Prepositions from Antiquity to the Present*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BURNYEAT, M. *A Map of Metaphysics Z*. Pittsburgh: Mathesis Publications, 2001.

CHARLES, D. *Physics I.7*. In: QUARANTOTTO, D. *Aristotle's Physics Book I*. A Systematic Exploration. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 178-205.

CHARLTON, W. *Aristotle's Physics Books I and II*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

GILL, M. L. *Aristotle on Substance*. The Paradox of Unity. Princeton: Princeton University Press, 1991.

JONES, B. Aristotle's Introduction of Matter. *The Philosophical Review*, v. 83, n. 4, p. 474-500, 1974.

JUDSON, L. *Aristotle's Metaphysics Book Lambda*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

KIRWAN, C. *Aristotle's Metaphysics Books Γ, Δ and Ε*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LURAGHI, Silvia. *On the Meaning of Prepositions and Cases*. The Expression of Semantic Roles in Ancient Greek. Oxford: John Benjamins Publishing Company, 2003.

MORISON, B. The Complexity of the Subject in a Change – *Physics I 7*, part 1. In: IERODIKONOU, K.; KALLIGAS, P.; KARASMANIS, V. *Aristotle's Physics Alpha*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 229-261.

POLITIS, V. *The Routledge Guidebook on Aristotle and the Metaphysics*. London, New York: Routledge, 2004.

QUARANTOTTO, D. The Role, Structure and Status of Aristotle's *Physics I*. In: *Aristotle's Physics Book I*. A Systematic Exploration. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 1-40.

ROSS, W. D. *Aristotle's Metaphysics*. A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross. Clarendon Press, 1924.

ROSS, W. D. *Aristotle's Physics*. A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross. Clarendon Press, 1936.